

## OUTUBRO / 2018

### INTERNACIONAL

#### **EUROPA**

Conforme a agência Eurostat , o PIB da zona do euro no terceiro trimestre de 2018, cresceu 0,2% frente ao trimestre anterior e 1,7% na base anual. No trimestre anterior o crescimento havia sido de 0,4% e de 2,2% na base anual. O resultado preliminar veio bem abaixo das expectativas.

Já a taxa de desemprego que era de 8,1% em agosto, se manteve em 8,1% em setembro, a menor taxa desde novembro de 2008.

Em sua última reunião, no final de outubro, o Banco Central Europeu manteve inalteradas as taxas de juros. Segue em 0% a taxa de referência, em 0,25% a taxa de empréstimos e negativa em 0,40% a taxa de depósito dos bancos no banco central. Paralelamente, o BCE reforçou o sinal de que o programa de estímulos quantitativos se encerrará no final deste ano.

Quanto a inflação do consumidor, depois de ter registrado um avanço anual de 2,1% em setembro, em outubro teve alta de 2,2%, também acima da meta de 2% do BCE.

#### **EUA**

Conforme a primeira estimativa do Departamento de Comércio, o PIB americano no terceiro trimestre de 2018 subiu à taxa anual de 3,5%, com desaceleração em relação ao trimestre anterior que fechou com alta de 4,2%. No entanto, as despesas dos consumidores cresceu a um ritmo anual de 4%, o melhor em quase quatro anos.

Quanto ao mercado de trabalho, a criação de vagas de trabalho não agrícola em outubro foi de 250 mil novos postos, quando a expectativa era de 190 mil. A taxa de desemprego, que era de 3,7% em setembro, se manteve nesse patamar. Com crescimento anual de 3,1%, os salários tiveram o maior ganho desde 2009. A realidade é que hoje nos EUA, há mais vagas de trabalho que desempregados.

Na ata de sua reunião em setembro, o FED reiterou os aumentos graduais da taxa básica de juros, na medida em que a solidez da economia americana demanda uma atuação continuada.

#### **ÁSIA**

Na China, o PIB do terceiro trimestre de 2018 subiu 6,5% na base anual, sendo que no trimestre anterior havia crescido 6,7%. Apesar da desaceleração, a meta de crescimento de 6,5% neste ano deve ser atingida. No Japão, a inflação do consumidor em setembro subiu 1,2%, resultado em linha com as projeções.

## MERCADOS DE RENDA FIXA E RENDA VARIÁVEL

No mercado internacional de renda fixa, os títulos do tesouro americano de 10 anos, que tinham rendimento de 3,05% a.a. no final de setembro, terminaram outubro com rendimento de 3,16% a.a. Já os títulos emitidos pelo governo britânico rendiam 1,43% a.a., enquanto os emitidos pelo governo alemão, por sua vez, fecharam o mês de outubro com rendimento de 0,39%. Paralelamente, no mês, o dólar se valorizou 2,59% perante o euro e se desvalorizou 0,50% e perante o yen.

Já as bolsas internacionais tiveram em outubro um mês de fortes quedas. Enquanto a bolsa alemã (Dax) recuou 6,53% no mês, a inglesa caiu (FTSE 100) 5,09%, a do Japão (Nikkei 225) 9,12% e a americana (S&P 500) 6,94%.

No mercado de commodities, o petróleo tipo Brent caiu no mês de outubro 8,76%.

## NACIONAL

### ATIVIDADE, EMPREGO E RENDA

Conforme o Banco Central, a economia brasileira cresceu 0,47% em agosto, frente a julho, sustentada pelos setores de varejo e serviços, que cresceram acima do esperado. Já a produção industrial em setembro caiu 1,8% frente a agosto, dentro da média das expectativas dos analistas.

A taxa de desemprego, por sua vez, que era de 12,1% no trimestre encerrado em agosto, recuou para 11,9% no trimestre encerrado em setembro, com 12,5 milhões de pessoas sem trabalho.

### SETOR PÚBLICO

Conforme informou o Banco Central, o setor público consolidado registrou déficit primário de R\$ 24,6 bilhões em setembro. Em doze meses o déficit primário foi de R\$ 87,8 bilhões.

As despesas com juros nominais, em doze meses, totalizaram R\$ 401 bilhões (6,40% do PIB) e o déficit nominal, que inclui o resultado com os juros, foi de R\$ 488,8 bilhões (7,20% do PIB) no mesmo período.

A dívida bruta do governo geral (governo federal mais INSS mais governos regionais) alcançou em agosto R\$ 5,24 trilhões (77,2% do PIB).

### INFLAÇÃO

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE divulgou que a inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), depois de ter subido em setembro 0,48%, registrou alta de 0,44% em outubro. Em doze meses, a alta acumulada foi de 4,56% e no ano de 3,81%.

Já o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), subiu 0,40 em outubro, após ter subido 0,30% em setembro e acumulou alta de 4% em doze meses e de 3,55% no ano.

## JUROS

Em sua reunião logo no início de novembro, o Copom manteve inalterada a taxa Selic em 6,5% ao ano, e no comunicado afirmou que a conjuntura econômica fraca ainda prescreve uma política monetária estimulativa, com a taxa Selic permanecendo no atual patamar.

## CÂMBIO E SETOR EXTERNO

A taxa de câmbio dólar x real, denominada P-Tax 800 encerrou o mês de outubro cotada em R\$ 3,71, com uma desvalorização de 7,15% no mês.

Em setembro, as transações correntes, apresentaram superávit de US\$ 32 milhões, acumulando em doze meses saldo negativo de US\$ 14,5 bilhões.

Os Investimentos Estrangeiros Diretos – IED apresentaram um ingresso líquido de US\$ 7,8 bilhões em setembro e acumularam US\$ 70,8 bilhões em doze meses. As reservas internacionais eram de US\$ 381,7 bilhões no final do mês.

A Balança Comercial, por sua vez, teve em outubro de 2018 um superávit de US\$ 6,12 bilhões, o que elevou o resultado no ano para US\$ 47,72 bilhões.

## RENDA FIXA

Dos subíndices Anbima, que referenciam os fundos compostos por títulos públicos disponíveis para os RPPS, o melhor desempenho no mês de setembro acabou sendo o do IDkA 20A (IPCA), com alta de 17,32%, seguido do IMA-B 5+ com alta de 10,66% e do IMA-B com alta de 7,14% .

## RENDA VARIÁVEL

Para o Ibovespa, o ganho no mês foi de 10,19%, acumulando, no ano alta de 14,43% e de 18,42% em doze meses. O índice encerrou setembro em 87.424 pontos e o ingresso líquido de capital estrangeiro no mês foi negativo em R\$ 6,20 bilhões.

## PERSPECTIVAS

### MERCADO INTERNACIONAL

Com os democratas ganhando a maioria na Câmara dos Representantes dos EUA, deverá haver a intensificação dos esforços para obstruir e investigar o presidente Trump e criar volatilidade nos mercados financeiros, exatamente em um momento em que a política monetária tende a ser mais dura e já começa a existir temores de que o crescimento da atividade econômica possa ter atingido o seu pico. Teremos também pela frente o fim do programa de estímulos na zona do euro, mais um teste do comportamento futuro dos mercados.

## MERCADO NACIONAL

Com a definição das eleições presidenciais, as atenções se voltam agora para a composição da equipe de governo e a definição da pauta de reformas a serem apresentadas para o Legislativo. Como na medida em que o candidato preferido pelo mercado financeiro ia ganhando espaço nas pesquisas eleitorais, os juros com vencimento mais longos caíram significativamente, voltando para os patamares alcançados em maio deste ano, deixando a dúvida de qual será o seu comportamento no futuro próximo. Para a bolsa de valores, é grande a expectativa do retorno dos recursos dos investidores estrangeiros, que foram desinvestidos.

**Passada a eleição presidencial, houve nova reunião do nosso Comitê de Investimento, em que foi decidida uma nova sugestão de alocação em relação aos recursos financeiros dos RPPS. Assim, passamos a aconselhar o investimento de 25% dos recursos em fundos de investimento em títulos públicos que possuem a gestão do duration, produto a ser acompanhado com a devida atenção.**

**Para os vértices médios (IMA-B 5, IDkA 2A e IRF-M Total) recomendamos ainda uma exposição de 30% e para os vértices de curto prazo, representados pelos fundos DI, pelos referenciados no IRFM-1 e pelos CDB's a alocação agora sugerida é de 15%.**

Permanece a recomendação de que, com a devida cautela e respeitados os limites das políticas de investimento e as exigências da nova resolução editada pelo CMN, é oportuna a avaliação de aplicações em produtos que envolvam a exposição ao risco de crédito (FIDC e FI Crédito Privado, por exemplo).

Quanto à renda variável, continuamos a recomendar a exposição máxima de 30%, também por conta da melhora da atividade econômica neste ano, que já se reflete em um melhor comportamento dos lucros das empresas e, portanto, da Bolsa de Valores e também pelo fato da importância do produto como fator de diversificação de portfólio, em um momento em que as taxas de juros dos títulos públicos não mais suprem a meta atuarial.

Dessa forma, mantivemos em 10% a sugestão de alocação em fundos multimercado e reduzimos de 5% para 2,5% a alocação em FII e FIP, respectivamente, dada a pouca disponibilidade de produtos no mercado. Em compensação e tendo-se em vista o potencial de valorização do segmento com a eleição de candidato pró-mercado elevamos a recomendação do investimento em ações de 10% para 15%.

Para aqueles clientes que já contam com investimento de 5% tanto em FII, quanto em FIP, recomendamos que o teto de investimento em ações se mantenha em 10%.

Por fim, cabe lembrarmos que as aplicações em renda fixa, por ensejarem o rendimento do capital investido, devem contemplar o curto, o médio e o longo prazo, conforme as possibilidades ou necessidades dos investidores. Já as realizadas em renda variável, que ensejam o ganho de capital, as expectativas de retorno devem ser direcionadas efetivamente para o longo prazo.

Sugestão de Alocação dos Recursos – Renda Fixa e Variável	
<u>Renda Fixa</u>	70%
Longuíssimo Prazo (IMA-B 5+ e IDKA 20A)	0%
Longo Prazo (IMA-B Total e FIDC/ Crédito Privado/ Fundo Debênture) **	0%
Gestão do Duration	25%
Médio Prazo (IRF-M Total, IMA-B 5 e IDKA 2A)	30%
Curto Prazo (CDI, IRF-M 1 e CDB)	15%
<u>Renda Variável</u>	30%
Fundos de Ações	15%
Multimercados	10%
Fundos em Participações	2,5%
Fundos Imobiliários	2,5%

\*\* Aos clientes que investem em FIDC / Crédito Privado / Fundo Debênture, utilizar como limite máximo o percentual destinado ao Médio Prazo.